

**A SIGNIFICAÇÃO EM TEXTOS DO SÉCULO XVIII
EM MINAS GERAIS:
UMA ABORDAGEM PELA SEMIÓTICA FRANCESA**

Elisson Ferreira Morato (UFMG)
elissonmorato@yahoo.com.br

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a significação em textos mineiros do século XVIII, período do qual encontramos um grande número de textos verbais (cartas, testamentos, regimentos religiosos, orações, ex-votos etc.) que nos dão uma boa amostragem dos discursos recorrentes na época. Na análise desse material semiótico encontramos recorrências em seu conteúdo que nos permitem vislumbrar o cotidiano das vivências culturais e religiosas, marcadas pelas tensões entre o humano e o divino.

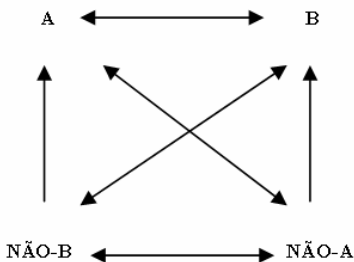
Selecionamos para o trabalho o texto de um ex-voto datado de 1720 que se encontra exposto na igreja de Nossa Senhora do Ó, na cidade de Sabará, região metropolitana de Belo Horizonte. Tomamos como suporte teórico a semiótica francesa, através do estudo de conceitos como *plano de conteúdo* e *percurso gerativo de sentido* conforme observados em Greimas; Courtés (2008). Acolhemos também contribuições de Barros (2002) e Fiorin (1999) relacionadas à aplicação desses pressupostos.

A semiótica é uma teoria da significação com larga aplicabilidade na análise textual e estabelece que o texto é formado pela junção de plano de conteúdo com um plano de expressão. O plano de conteúdo consiste num conjunto de estruturas semionarrativas organizadas em três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo, os quais formam o percurso gerativo de sentido. Este, por sua vez, é associado a um plano de expressão, que são as operações feitas pelo código utilizado (verbal, não-verbal ou sincrético, quando usa dois códigos diferentes).

Dessa maneira, o material verbal do texto é uma espécie de máscara que se coloca sobre conjunto de operações de sentido presentes do plano de conteúdo, como nos diz Barros (2002, p. 13), segundo a qual é necessário “reconhecer o objeto textual como uma máscara, sob a qual é preciso procurar as leis que regem o discurso.” Procurar e compreender essas leis do discurso implica em averiguar as estruturas internas de significação do texto e, ao mesmo tempo, encontrar os elementos com os quais essas estruturas são preenchidas.

O plano de conteúdo possui uma sintaxe e uma semântica que se distribuem pelos seus três níveis, mencionados anteriormente. A sintaxe é um conjunto de estruturas abstratas que receberão um investimento semântico, o qual é feito com elementos oriundos do próprio texto. O que não significa que o texto seja conteúdo desvinculado de um universo sociocultural. Conforme Barros (2002, p. 14): “Pretende-se, assim, cobrar da semiótica a explicação dos mecanismos de produção do sentido, produção que não se fecha no texto, mas vai do texto à cultura, ao mesmo tempo que dela depende”.

O nível fundamental representa a base do processo de significação. Seus elementos são simples e abstratos, sendo de ordem lógica e conceitual. Na sintaxe fundamental temos as relações entre um elemento A e um elemento B, os quais podem se articular em uma relação de asserção ou negação. O que é representado no quadrado semiótico: representação de um conjunto de relações possíveis entre esses elementos, conforme ilustramos abaixo:



Os termos do quadrado semiótico implicam-se mutuamente, e a negação de um deles levará a asserção de outro. As possibilidades dessas operações são dadas pelo conjunto de setas do esquema. Por exemplo, ao negar o termo B, temos a seguinte operação: $A \Rightarrow \text{Não } A \Rightarrow B$. Ao negar o termo A temos $B \Rightarrow \text{não } B \Rightarrow A$.

A relação em que Não A e Não B são negados resulta em um termo complexo. Por outro lado, se A e B são negados, temos um termo neutro formado por Não A e Não B. Sobre esse conjunto de operações serão investidas as etapas posteriores do percurso gerativo de sentido. E o primeiro investimento realizado sobre os termos do quadrado são dados pelos elementos da semântica fundamental.

A semântica fundamental é constituída por categorias formadas por termos que têm entre si uma relação de implicação e de oposição.

Assim, sobre a categoria A vs B podemos investir categorias semânticas de base como Natureza vs Cultura, Masculinidade vs Feminilidade, Vida vs Morte etc.

As operações dadas pela sintaxe fundamental configuram uma mudança de estado, na qual se observa a arquitetura primeira de uma narrativa, caracterizada pela mudança de estado. Uma vez semantizados, esses termos são revestidos de axiologizações positivas ou negativas, levando a categorias tímico-fóricas: se o termo recebe uma axiologização positiva ele é fórico, se negativa, é disfórico. O termo fórico remete ao valor com o qual o sujeito busca entrar em conjunção enquanto que o termo disfórico remete ao termo com o qual o sujeito busca uma disjunção. Essas forias representam assim estados desejados ou indesejados pelo sujeito.

Os termos semantizados do quadrado semiótico são virtuais: eles ainda não são associados a um sujeito. É no nível narrativo que esses valores são atualizados. No nível narrativo temos a inscrição dos valores virtuais em objetos com os quais interagem os sujeitos da narrativa em relações de junção ou disjunção. Assim, se no nível fundamental os valores são virtuais, no nível narrativo eles são representados através de operações que simulam a ação do ser sobre o mundo.

Na sintaxe narrativa temos um simulacro das ações dos actantes, as quais os levam a uma mudança relacionada ao estado de coisas. Esse simulacro acional é dado através de um programa narrativo (PN). O PN caracteriza-se pela presença de um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado. Nesse caso, enunciado não deve ser confundido com frase, sentença, ou declaração, mas como “uma grandeza dotada de sentido anterior a qualquer análise” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 163). Os enunciados de fazer e de estado são, assim, estruturas semionarrativas que se encontram presentes no programa narrativo.

Os enunciados de estado podem ser disjuntivos, quando o sujeito estabelece uma disjunção com o objeto-valor desejado, ou conjuntivos, quando o sujeito estabelece uma junção com o objeto-valor desejado. Conforme se pode observar a seguir:

$$\text{PN} = \text{F}[\text{S1} \rightarrow (\text{S2} \cap \text{Ov})]$$

$$\text{PN} = \text{F}[\text{S1} \rightarrow (\text{S2} \cup \text{Ov})]$$

Sendo:

PN= programa narrativo;

F= função;

S1= sujeito do fazer;

S2 sujeito de estado;

Ov= objeto-valor;

[]= enunciado de fazer;

()= enunciado de estado

→ = função fazer;

∩= relação de junção;

U= relação de disjunção.

Já os enunciados de fazer exprimem as transformações que ocorrem na narrativa. Quando um enunciado rege o outro, o primeiro é modal (apresenta uma ação) e outro é descritivo (nele se inscrevem valores, objetos ou estados de alma).

Ainda na sintaxe, o PN é dado através do esquema narrativo canônico, que constitui a organização das etapas do programa narrativo, suas operações e o papel dos sujeitos narrativos tal como representamos a seguir:

Manipulação → Competência → Performance → Sanção



Provocação

Intimidação

Tentação

Sedução

No nível narrativo ocorre a ação do homem sobre outros homens: a manipulação. Esta consiste em fazer com que o actante manipulado, persuadido pelo manipulador, execute uma ação. A manipulação, geralmente, envolve a ação de pelo menos dois sujeitos e a existência de um contrato. Seu propósito é alterar a competência do sujeito para que este execute um desempenho. A manipulação, por sua vez, pode ser de quatro tipos:

Provocação: o actante manipulado é levado a acatar a imagem de uma competência negativa (Duvido que você consiga fazer isso!);

Intimidação: o manipulado recebe um objeto negativo (Se você fizer tal coisa eu te mato!);

Tentação: o actante manipulado é levado a optar entre um Ov positivo ou negativo (Você pode ganhar isso se fizer aquilo!);

Sedução: o manipulado recebe um juízo elogioso sobre sua competência (Você pode! Você consegue! Então faça!).

Em uma sequência narrativa, podemos ter um enunciado como: o actante X é manipulado (por meio de provocação, intimidação, tentação ou sedução) pelo actante Y e levado a acreditar que possui uma dada competência para realizar uma ação (desempenho) que o levará a entrar em conjunção com um objeto- valor desejado. Uma vez realizada essa ação, o sujeito X é sancionado pelo sujeito Y em dois níveis: a sanção cognitiva reconhece que a ação foi realizada, já a sanção pragmática consiste na doação de um valor ao sujeito X.

Na semântica narrativa temos categorias modais que são formas de ação através das quais os actantes modificam sua relação com o objeto-valor. A modificação desses estados é dada pelo sujeito que deseja modificar seu estado e pelo destinador manipulador que atribui competências ao sujeito.

Se na sintaxe narrativa temos o PN, na semântica temos as modalizações, que são as maneiras através das quais os sujeitos inscritos no PN operam a mudança de estado. Na modalização, o sujeito destinatário atribui uma competência (poder) ao sujeito manipulado. Munido de uma competência, o sujeito manipulado realiza uma ação (fazer) de modo a estar munido de um poder-fazer. Capacidade que leva ao seu estado de mudança.

O nível discursivo é o mais superficial do percurso gerativo de sentido, e também o mais complexo e o de maior concretude. É no nível discursivo que temos a conversão da narrativa em discurso, é nesse nível também que aparecem os traços da enunciação e a colocação da narrativa em temas e figuras semióticas. Na sintaxe discursiva temos a debreagem que pode ser entendida como a actorialização, temporalização e aspectualização da narrativa, o que constitui, por sua vez, a própria fundação do discurso. De acordo com Greimas; Courtés (2008, p. 111), “a debreagem, enquanto um dos aspectos constitutivos do ato de linguagem original, inaugura o enunciado, articulando, ao mesmo tempo, por contrapartida, mas de maneira implícita, a própria instância da enunciação.”

A debreagem, por seu turno, pode se dividir em dois tipos principais. Na debreagem enunciativa, temos uma enunciação em primeira pessoa (EU), uma enunciação enunciada já que o enunciador enuncia seu próprio discurso. Já na debreagem enunciva, temos um enunciado em terceira pessoa (ELE), o que apaga a presença explícita de um enunciador. A principal diferença, por sua vez, está na geração de efeitos de subjetividade (debreagem enunciativa) e objetividade (debreagem enunciva). Assim, através da enunciação ancorada nas categorias EU-AQUI-AGORA temos uma debreagem enunciativa, cujo efeito é o de objetividade. No discurso enunciado em um ELE-LÁ-NAQUELE TEMPO, temos o efeito de objetividade, já que, neste caso, o enunciador simula se ausentar do texto.

É também no nível discursivo que a narrativa se torna um simulacro do mundo pela ação do enunciador. Esse efeito de real é dado através dois procedimentos: a tematização e a figurativização. A tematização é a colocação dos conteúdos da narrativa em temas, os quais são termos abstratos que representam valores, crenças ou fatos do mundo (cf. FIORIN, 1999, p. 181). São exemplos de temas: vergonha, beleza, amargura, coragem etc. Esses temas, por sua vez, são representados por figuras, que são termos concretos, como árvore, pedra, rio, mulher, homem etc.

Já a figurativização, consiste na instalação de figuras semióticas, ou figuras de conteúdo, as quais dão uma concretude ao tema. Nesse caso, a figurativização cria o efeito de real dentro do discurso fazendo-o remeter ao mundo real. Trata-se de uma construção de sentido efetuada pelo sujeito da enunciação. A figurativização dá uma forma concreta através de temas abstratos e constrói no e pelo discurso uma ilusão referencial e, assim, no dizer de Bertrand (2003, p. 29), “dá ao leitor, assim como o espectador de um quadro ou de um filme, o mundo a ver, a sentir, a experimentar”.

Uma vez enunciada, figurativizada e tematizada a narrativa está pronta para ser trabalhada em um plano de expressão. O que significa que o mesmo conteúdo pode ocorrer tanto em um texto verbal quanto em um texto não verbal.

A seguir, vejamos o *corpus*:

Texto original
MERCE-Q-FES-N-S-DO Ô-AOCAPP-MAIOR-LVCAS IBEIRO REGENTE-DESTA-V-REAL-DEN ^o -S-DA

CONCEIÇAM-OQVAL-VINDO-DEFAZER-AFEST
A.D-SDEQ-HERA-IVIS-OACOMETERAM-
TEMERARIAM-QVATRO-SOLDADOS-DOS-DRAGO
IS-EDEPOIS-TODOS-OSMAIS-DA COMPª-COMD
EZEIO-DEOMATAREM-MAS-NEM-COMASPADA-
S-NEM-COMVARIOS-TIROS-Q-LHEDERAM-FOI
POSIVEL-Q-CONSEGVÍSEM-OIMTENTO-POR
Q-AMAI-DE-DEUS-DEV-FORÇAS-SO SEO-D
EVOTO-Pª-Q-DETUDO-SEDEFENDESE-SE
M-RESEBER-ÔMENOR-PERIGO-NEM-EMSI-N-
EM-EM-OS ESCRAVOS-Q-ACOMPANHAVAÔ-E
EMCINAL-DEAGRADECIMENTO-MANDOU-FA
ZER-ESTA-MEMORIA-Q-SOSSEDEO-EM OS 29
DE DEZEMBRO-DE 1720-

Texto atualizado

Mercê que fez N(ossa) S(enhora) do Ó ao capitão-mor Lucas Ribeiro, regente desta Vila Real de Nª S(enhora) da Conceição, o qual vindo de fazer a festa a D(ívida) Senhora de que era juiz, o acometeram temerariamente quatro soldados dos Dragões e depois todos os mais da companhia com o desejo de o matarem. Mas nem com as espadas nem com vários tiros que lhe deram foi possível que conseguissem o intento porque a Mãe de Deus deu forças ao seu devoto para que de tudo se defendesse sem receber o menor perigo nem em si nem nos escravos que o acompanhavam. E em sinal de agradecimento, mandou fazer esta memória que sucedeu em 29 de dezembro de 1720.

A curiosa denominação de Nossa senhora do Ó deve-se ao fato de os versos da ladainha de Nossa Senhora começarem pela interjeição “Ó”: Ó Maria concebida sem pecado; Ó advogada dos pecadores, Ó rainha dos anjos, etc. De acordo com o texto, o capitão-mor, regente da Vila de Nossa senhora da Conceição de Sabará e juiz da irmandade de Nossa Senhora da Conceição, ao voltar da festa em honra da referida padroeira é emboscado por soldados do antigo regimento dos Dragões, os quais o atacam com golpes de espada e com tiros. Entretanto, Lucas Ribeiro se salva ileso graças a Nossa Senhora do Ó, que lhe dá forças para que resista ao ataque. Agradecido, o capitão-mor encomenda o registro do evento, ocorrido em 29 de dezembro de 1720.

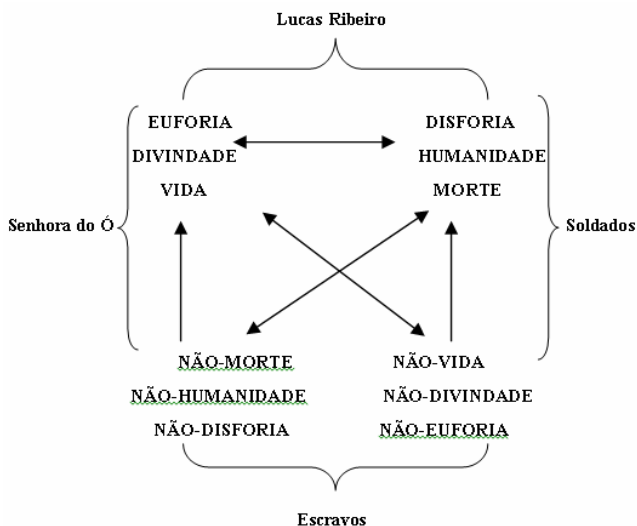
No nível fundamental encontramos a oposição semântica de base /HUMANIDADE/ vs /DIVINDADE/ e, simultaneamente /VIDA/ vs /MORTE/, sendo que os termos /HUMANIDADE/, /VIDA/ são eufóricos e com eles o ator busca um estado de conjunção. Já os termos /HUMANIDADE/ e /MORTE/ são disfóricos, já que o ator principal busca um estado de disjunção com eles.

Os termos /DIVINDADE/ e /VIDA/ são realizados pelo ator Nossa Senhora do Ó, enquanto os termos /HUMANIDADE/ e /MORTE/ são

realizados pelos soldados da companhia dos Dragões. Já o ator Lucas Ribeiro realiza a própria tensão entre /VIDA/ vs /MORTE/ e /DIVINDADE/ vs /HUMANIDADE/. Nesse caso, ele se torna um termo complexo. O ator Lucas Ribeiro é humano em sua condição: seus pecados e sua mortalidade, mas possui uma porção divina confirmada pela sua devoção a Senhora do Ó, devoção que o livra da morte. Desse modo, observamos que o ator Lucas Ribeiro recorre à divindade como forma de resgatar ou assegurar sua porção divina. Não é o capitão-mor que recorre a Virgem do Ó, mas ela é que intercede por ele.

Não poderíamos deixar de mencionar os outros atores que segundo a narrativa acompanhavam Lucas Ribeiro: os escravos. No programa narrativo, os escravos não recebem grande investimento semântico. Primeiramente observemos que eles são coletivizados: são “os escravos”. Em segundo lugar, no programa narrativo eles não são descritos como devotos, nem como pecadores. Ao que sugere, eles escapam da morte apenas por serem propriedade ou por estarem em companhia do capitão-mor. Nesse caso, os atores “escravos” realizam um termo neutro representado pela categoria /NÃO HUMANIDADE/ e /NÃO DIVINDADE/, /NÃO MORTE/ e /NÃO VIDA/.

Assim, temos no quadrado semiótico termos complexos e neutros, conforme podemos ver a seguir:



Na sintaxe do nível narrativo, temos duas maneiras de interpretar o desdobramento do PN tomando Lucas Ribeiro como o actante principal. No primeiro caso, a actante Nossa Senhora manipula o capitão-mor a se tornar devoto dela e o dota de um poder-fazer e um poder-ser. Ao executar o desempenho da devoção, o capitão-mor é sancionado com um milagre que o salva da morte. Desse modo, a sanção ocorre tanto no nível cognitivo, a padroeira reconhece que a ação foi feita, quanto no pragmático, o socorro dado ao devoto no momento necessário.

Nesse caso, o sujeito destinatário Nossa Senhora manipula o capitão-mor, sujeito manipulado dotando-o de uma competência, de um poder. Desse modo, munido de um *poder-fazer*, Lucas Ribeiro estabelece seu estado de conjunção com os termos /DIVINDADE/ e /VIDA/. Tal é a configuração da semântica narrativa no plano de conteúdo do texto.

Outra possibilidade do PN é a seguinte: Nossa Senhora é manipulada pelo capitão-mor através de sedução, já que são enaltecidas as virtudes da padroeira. Assim, munida de um dever-fazer, outra forma de modalização, a padroeira executa o desempenho de proteger seu devoto e recebe a sanção em nível cognitivo, no reconhecimento da ação, e pragmático, o agradecimento registrado no ex-voto.

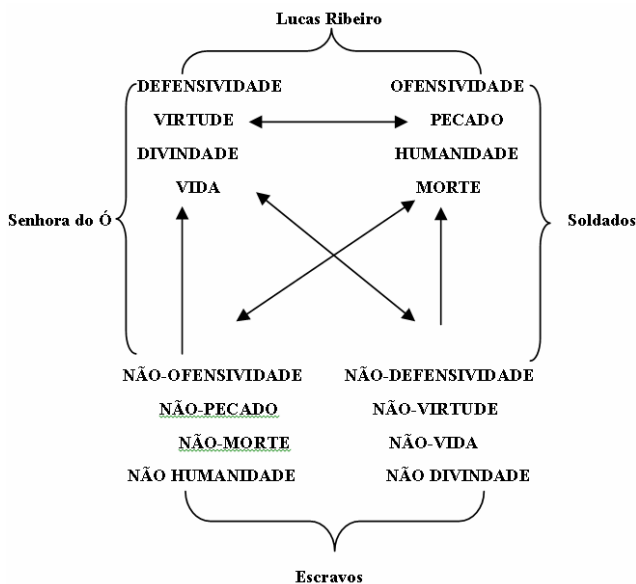
Ainda na semântica do nível narrativo, os valores do nível fundamental são investidos em objetos valores. Nesse caso, /DIVINDADE/ e /VIDA/ são inscritos em um objeto valor abstrato: a devoção. É ela que permite ao actante Lucas Ribeiro permanecer vivo. Por outro lado, os valores disfóricos /HUMANIDADE/ e /MORTE/ são inscritos nos objetos-valores negativos que são as armas de corte e de fogo usadas contra o capitão-mor.

No nível discursivo encontramos uma debreagem enunciativa: temos um enunciador afastado de seu enunciado, um enunciador que garante o efeito de objetividade do discurso. A debreagem também aspectualiza e temporaliza a narrativa segundo as categorias de espaço e tempo. Assim, sabemos que a narrativa ocorreu precisamente em 29 de dezembro do ano de 1720, na Vila Real de Nossa Senhora da Conceição de Sabará.

Na semântica discursiva, observamos o desdobramento dos percursos temáticos e figurativos. No componente temático encontramos o poder, a virtude, o pecado, a fé e a violência como temas. Observamos que os temas são abstratos e, muitas vezes, são percebidos através de uma cobertura figurativa, por exemplo: *tiros, espadas, mãe de Deus, de-*

voto, soldados, festa, são figuras que dão concretude aos temas. Figuras que revestem os componentes do texto dotando-o de sentidos concretos.

Assim encontramos a oposição temática *virtude vs pecado* no nível discursivo. Oposição que se associa a outra, dada pela categoria *defensividade vs ofensividade*. Os atores Lucas Ribeiro e Virgem Maria são virtuosos e executam apenas ações defensivas: “a Mãe de Deus deu forças ao seu devoto para que de tudo se defendesse sem receber o menor perigo nem em si nem nos escravos que o acompanhavam”. Já os atores soldados da companhia dos Dragões executam performances ofensivas: “o acometeram temerariamente quatro soldados dos Dragões e depois todos os mais da companhia com o desejo de o matarem”. A colocação das oposições temáticas no quadrado semiótico resulta no seguinte arranjo:



Embora a semiótica seja uma teoria voltada para a análise do texto, o mergulho nas estruturas textuais não implica que a análise tenha um fim em si mesmo, nem que ela só permita a chegar a si mesma. Podemos observar que o aprofundamento nos processos de construção de sentido do texto permite reconhecer traços do contexto em que ele foi produzido. Nesse caso, a análise semiótica de textos do século XVIII nos oferece uma espécie de radiografia, através da narrativa, das formas de pensamento e de ação comuns no interior do Brasil colônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/USP, 2002.

BERTRAN, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: Edusc, 2003.

FIORIN, José Luiz. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. *DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 15, n. 1. 1999, p. 1-13.

GREIMAS, Algirdas; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.